

editorial

Feministas de norte a sul, de leste a oeste, em todo o Brasil, foram às ruas, realizaram passeatas e manifestações no Dia Internacional da Mulher, 8 de março de 2004. As mobilizações contaram com a participação de rurais e urbanas, das novas e velhas gerações de militantes, e apresentaram temas abordando o aumento do Salário Mínimo, a situação da mulher no mercado de trabalho, a falta de políticas públicas, o desemprego, Área de Livre Comércio das Américas, mercantilização dos nossos corpos, a legalização do aborto e a violência sofrida pelas mulheres, além da defesa da reforma agrária.

As manifestações ocorreram em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte, Amazonas, Aracaju, Paraíba, Ceará, Sergipe e Maranhão, além de eventos em cidades fora das capitais.

Este 8 de março provou, além da força do feminismo para aglutinar e debater diversos temas, que acabar com o machismo continua sendo fundamental para mudar o mundo e nossas vidas. A prova disso está tanto na hostilidade que pôde ser percebida por parte dos homens durante as passeatas, como a ocorrida em São Paulo, como na discriminação por parte da grande imprensa, que preferiu noticiar as ações “festivas” de governos e ações comerciais ao invés de relatar que milhares de mulheres marcharam no nosso dia de luta.

As Sempre vivas



Lygia Clark / Living Structures, 1969

**Comunicação
feminista na
construção do
movimento
de mulheres**

De nossas páginas transbordam o feminismo e o debate

Por Nalu Faria

Há cinco anos, em março de 1999, a SOF iniciou a publicação da *Folha Feminista* com o artigo: “Porque o feminismo tem que ser radicalmente contra o neoliberalismo”. Com esse boletim queríamos contribuir na reflexão crítica sobre o que se tornou conhecido como institucionalização do movimento feminista e sobre os desafios para superação dos impasses criados.

Para nós, era importante atuar para fortalecer um campo radicalmente empenhado na autodeterminação das mulheres e que tivesse como eixo estruturador a crítica global ao capitalismo, compreendendo todas as formas de opressão que ele articula: classe, raça e gênero etc.

Naquele momento, a maioria do movimento de mulheres ainda se referia ao contexto neoliberal de forma genérica

como a globalização. Havia o debate sobre quais eram os aspectos positivos e negativos em relação à situação da mulher. Ainda vivíamos sob o impacto do discurso triunfalista, pós-conferências da ONU, comemorando os direitos, enquanto o mercado organizava a vida das mulheres. Nunca é demais lembrar que foi em 1995, no mesmo ano da Conferência de Pequim, que se criou a Organização Mundial do Comércio.

De lá para cá muita coisa mudou. Ainda não conseguimos consolidar uma alternativa ao capitalismo neoliberal, mas já é um consenso esse modelo estar em crise e que outro mundo é possível. Mas isso só ocorreu pelo acúmulo dos movimentos que, mesmo minoritários num primeiro momento, ousaram sair às ruas para expressar sua crítica contundente ao capitalismo

neoliberal e para afirmar a legitimidade das mobilizações.

O Fórum Social Mundial se constituiu como um símbolo desse “outro mundo possível” e como um espaço de convergência dos movimentos sociais, embora não signifique construção de uma real unidade. Vários setores buscam redefinir suas articulações nesse espaço e, portanto, muitas polêmicas se transferiram para o FSM.

Essas questões estão no centro do debate feminista, expressas nas opções que cada setor tem, seja em relação à agenda, à forma de organização, às alianças e posicionamentos em geral.

Feministas e a antiglobalização

A *Folha Feminista* está ligada às mudanças que estão ocorrendo no interior dos movimentos, em particular do feminista. Acompanhamos o lançamento da Marcha Mundial das Mulheres no Brasil, em 2000, no 8 de março em uma quarta-feira de cinzas. E seguimos acompanhando seu crescimento e sua contribuição para fortalecer a auto-organização das mulheres, ao colocar como questões centrais a autonomia e a auto-determinação.

O fato de recolocar a dimensão de gênero e classe tem feito com que a Marcha atue nos movimentos por uma outra globalização e ressalta as conexões entre globalização neoliberal e as relações desiguais entre homens e mulheres. Nossos artigos percorreram os novos contornos que esse setor do movimento tem trilhado: a crítica radical ao capitalismo, e sua face neoliberal e portador de muitas opressões.

Denunciamos a mercantilização do corpo das mulheres como incremento do turismo sexual e o lugar de nossos países em uma divisão sexual e internacional do trabalho nas *maquilas* e na prostituição controlada por máfias e conglomerados de empresas de turismo. Os artigos apresentaram também a centralidade da crítica ao livre comércio, em particular à



De seu lançamento até hoje, autonomia e transformação nas páginas da *Folha Feminista*

Alca e OMC. Várias vezes apontamos o papel das transnacionais em nossas vidas e seu projeto global de exploração e dominação, que tem como um de seus alvos as novas formas de controle do corpo das mulheres e a imposição de padrões de beleza estritos: as mesmas empresas que fazem os hormônios sintéticos produzem agrotóxicos e sementes transgênicas. Esse percurso traz também a crítica às reconfigurações do Estado neoliberal e a utilização instrumental das mulheres, ao mesmo tempo que reduz as políticas voltadas para a universalização dos direitos.

Diversidade e variedade

Nesses cinco anos de *Folha Feminista*, publicamos artigos de várias autoras demonstrando as mudanças trazidas pelo neoliberalismo que impôs derrotas e retrocessos na vida das mulheres. Isto exige do feminismo um balanço crítico de uma visão linear dos avanços das mulheres. Discurso, inclusive, muito capturado pelos meios de comunicação.

Por isso, um dos temas que tratamos foi a complexidade desse processo, chegando ao que afirma Danièle Kergoat, que pela primeira vez na história, há mulheres que são elas próprias a personificação do capital e não mais mediadas por seus pais, amantes ou maridos. Isso nos coloca mais diretamente a

contradição e conflitos de interesses entre as mulheres.

Um outro aspecto trazido para reflexão é esta aparente dicotomia entre avanços no campo do reconhecimento formal dos direitos e o aumento da pobreza. Criando a necessidade de analisar profundamente como os Estados nacionais têm se movido em articulação e/ou consonância com os organismos multilaterais que, sob o neoliberalismo, impõe um tipo de democracia como forma de legitimar as políticas de ajuste fiscal e, portanto, democracia já não significa redistribuição e ampliação de direitos.

É dentro dessa visão que tem se recolocado o tema do aborto: de um lado, avaliando criticamente os caminhos seguidos por um amplo setor do movimento de mulheres e, de outro, afirmando o direito das mulheres de decidir sobre seus corpos e a maternidade, e que o direito ao aborto seja garantido pelo Estado.

Nossos artigos estiveram atentos à voz das jovens que se identificam hoje com o movimento e ressaltaram a especificidade na forma de aderir ao feminismo. Foi importante também a expressão da diversidade de organização das mulheres: rurais, populares, negras, lésbicas, dos movimentos populares.

Também publicamos resenhas, notícias, artigos sobre a arte e a produção cultural das mulheres, bem como a sua presença nesses espaços. Lembrando que muitas destas produções só têm como apoiador o próprio movimento de mulheres.

A *Folha Feminista* recebeu a adesão e colaboração de muitas companheiras desse projeto de feminismo, sem as quais não teria sido possível garantir essa experiência. Esperamos poder ser como uma semente que germine e mantenha sempre viva a garra e a força para construir uma sociedade sem opressão e exploração: socialista e feminista.

Povos das Américas enfrentando a globalização

Por Mariana Loiola

O evento anual que em quatro edições se tornou o mais amplo espaço do planeta para articulação de movimentos sociais e construção de alternativas à ordem neoliberal, tem desencadeado diversos eventos regionais. Dentre estes, está o primeiro Fórum Social Américas (FSA), que acontecerá de 25 a 30 de julho, em Quito, Equador. Como parte da modalidade de eventos regionais estimulada pelo Fórum Social Mundial, o FSA pretende reunir toda a riqueza cultural e poder de mobilização dos povos das Américas para enfrentar a globalização.

O I Fórum Social Américas seguirá a proposta do FSM de abrir espaços para troca de experiências entre os movimentos sociais e o fortalecimento de ações que se constituam em alternativas diante do neoliberalismo e do militarismo. Somado a isto, buscará visualizar as problemáticas específicas da região no contexto da globalização e vincular as lutas e resistências arraigadas no continente com as do resto do mundo. Segundo Sally Burch, diretora executiva da Agência Latino-americana de Informação (Alai) e membro da Comissão Organizadora do Fórum Social Américas, o evento é parte dos esforços para se desenvolver o processo do FSM na realidade de cada continente.

As temáticas das Américas

A programação buscará abordar todos os temas do Fórum Mundial, mas as ênfases serão determinadas pela realidade regional, além da conjuntura mundial e do avanço dos processos de articulação social. Desse modo, as lutas contra a Área de Livre Comércio das Américas (Alca) e os tratados de livre comércio, contra a dívida e contra a militarização terão destaque entre os temas do FSA. Em razão da presença indígena e de afrodescendentes, os assuntos relacionados à diversidade e aos direitos dos povos também serão enfatizados.



Joaquim Duarte

No Equador povos das Américas se organizam por outro mundo possível

Serão cinco os eixos das discussões do Fórum Américas: ordem econômica; face violenta do projeto neoliberal; poder, democracia e Estado; culturas e comunicação; e povos indígenas e afrodescendentes. Gênero e diversidades constituem os eixos transversais. A programação incluirá conferências, testemunhos, painéis, oficinas, apresentações culturais, acampamentos indígenas e da juventude e mobilizações.

Contribuição para o Fórum Mundial

Segundo Sally, o fato de o FSM deste ano ter sido realizado na Índia, e não na América Latina, pode reforçar ainda mais a participação dos povos das Américas nesse evento regional. Ela acredita que o FSA é também uma oportunidade para ampliar a participação daqueles países e setores sociais que até agora têm estado menos presentes no processo mundial, como é o caso da região andina, da América Central e dos povos indígenas. “Como este continente se caracteriza pelos altos níveis de articulação alcançados por seus movimentos sociais e cidadãos, o FSA pode se constituir em uma contribuição e experiência piloto para o processo mundial”, diz.

Sally acredita que a grande meta do FSA é dar um salto de qualidade no fortalecimento do processo mundial que vem avançando há quatro anos. Outra meta é estreitar os vínculos com as organizações norte-americanas que participam da resistência ao projeto imperialista de seu governo. “O êxito do FSA dependerá do compromisso das diversas organizações, redes e campanhas da região, que desde já estão inscrevendo seus eventos, conteúdos e propostas”, afirma.

As organizações, movimentos e entidades da sociedade civil que trabalhem em consonância com a Carta de Princípios do FSM podem fazer as inscrições de seus delegados/as no Fórum Social Américas até 31 de maio. O prazo para inscrições de atividades terminará antes, em 16 de abril. Outras pessoas interessadas que não pertençam a nenhuma organização poderão assistir ao evento como participantes.

Informações e inscrições:

<http://www.forosocialamericas.org>

ou pelo e-mail

foroamericas@fsmecuador.org.

Texto da Revista do Terceiro Setor, onde foi publicado originalmente.

A Produção do Viver - Ensaios de Economia Feminista

A SOF – Sempre Viva Organização Feminista lançou no final do ano passado *A Produção do Viver – Ensaios de Economia Feminista*, nono volume da Coleção Cadernos Sempre Viva, da Série Gênero, Políticas Públicas e Cidadania, organizado por Nalu Faria e Miriam Nobre.

Com textos de Cristina Carrasco, Martha Rosemberg, Emma Siliprandi e Miriam Nobre, *A Produção do Viver* é resultado do exercício praticado por algumas feministas nos últimos tempos no sentido de “olhar, entender e interpretar o mundo da perspectiva da reprodução e da sustentabilidade da vida”.

Para a SOF, assim como para a REF – Rede Economia e Feminismo, criada em 2001, difundir a teoria econômica feminista tem como perspectiva sua utilização como mais um instrumento para aguçar o olhar sobre as vivências atuais das mulheres e de nos fortalecermos na transformação das práticas e normas que



restringem a autonomia das mulheres e criam e recriam desigualdades.

A Produção do Viver custa R\$ 8,00 e pode ser adquirido por meio de nossa página na Internet (www.sof.org.br) ou em nossa sede (rua Ministro Costa e Silva, 36, Pinheiros).

o que rola

Campanha pelo direito ao trabalho

Feministas, trabalhadoras e trabalhadores, estudantes, sem-teto e sem-terra, desempregados, homens e mulheres, por meio de suas entidades e movimentos, organizaram a Coordenação dos Movimentos Sociais, espaço de unidade para todos que querem organizar a esperança e mudar o rumo do país, acreditando que outro mundo é possível.

Empenhados na construção deste outro mundo, ativistas se organizam para lutar contra os prejuízos causados pelo neoliberalismo, em campanhas como a que defende o plebiscito oficial sobre a Área de Livre Comércio das Américas (Alca), campanhas por emprego e renda para brasileiras e brasileiros, de valorização do Salário Mínimo, desenvolvimento sustentável e novos rumos para o país.

A “Carta de São Paulo por um 2004 de organização, mobilização e mudança”, lançada em fevereiro pela Coordenação dos Movimentos Sociais, reafirma que “para combater a crise social é indispensável mudar a política econômica, priorizando os interesses do povo brasileiro. O emprego e a valorização do trabalho devem se tornar de fato uma obsessão da política econômica”.

Veja a íntegra da Carta em www.sof.org.br. A partir desta semana estaremos vendendo na sede da SOF a cartilha da campanha (R\$ 1,00).

nº 50 março de 2004 ISSN 1516-8042

CONSELHO EDITORIAL

Andréa Butto, Francisca Rocicleide da Silva (Roci), Helena Bonumá, Ivete Garcia, Maria Amélia de Almeida Teles (Amelinha), Maria Ednalva Bezerra de Lima, Maria Emília Lisboa Pacheco, Maria de Fátima da Costa, Maria Otilia Bocchini, Martha de la Fuente, Mary Garcia Castro, Matilde Ribeiro, Raimunda Celestino Macena e Tatau Godinho.

A Folha Feminista, ISSN 1516-8042, é um boletim da SOF na luta feminista. Este número tem apoio financeiro da Christian Aid.

EQUIPE EDITORIAL

Diretora Responsável: Nalu Faria
Editora: Fernanda Estima (Mtb 25.075)
Projeto Gráfico: Alexandre Bessa
Diagramação: Márcia Helena Ramos
Fotolito: Input
Impressão: RWC Artes Gráficas
Tiragem: 1.500 exemplares
Número avulso: R\$1,50

Assinatura anual (10 números): R\$15,00

Rua Ministro Costa e Silva, 36, Pinheiros
 05417-080 - São Paulo / SP
 Tel/fax: 3819-3876
 Correio Eletrônico: sof@sof.org.br
 Página na internet:
<http://www.sof.org.br>

próximos números

- CONFERÊNCIA DE SEGURANÇA ALIMENTAR
- NOS PORÕES DAS PASSARELAS